

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA, PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Jéssica Santos de Souza¹

Lavínia Juliatto Scolaro²

Bárbara Peretti Muchinski³

Pedro Guilherme Basso Machado⁴

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por alterações persistentes na comunicação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, demandando estratégias que favoreçam a inclusão e a participação social desses indivíduos em diferentes contextos. O presente artigo teve por objetivo identificar potencialidades e desafios dos processos de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando a contribuição de estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a participação da família. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática de literatura, com buscas realizadas nas bases de dados SciELO, PePSIC e BVS-Psi. Os resultados foram categorizados em dois eixos temáticos: desafios e potencialidades dos processos de inclusão de pessoas com TEA. Os dados encontrados demonstram que, apesar de existirem barreiras relacionadas ao custo das intervenções, sobrecarga familiar, estigma social e à limitação de recursos, a ABA apresenta potencialidades relevantes para favorecer as habilidades sociais, comunicativas, adaptativas e funcionais. Considera-se que o objetivo do estudo foi atingido, evidenciando desafios relacionados ao acesso

¹ Aluna do 6º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* jessica.de@mail.fae.edu

² Aluna do 6º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* lavinia.juliatto@mail.fae.edu

³ Aluna do 6º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2025-2026). *E-mail:* barbara.peretti@mail.fae.edu

⁴ Orientador da Pesquisa. Doutor em Psicologia da Saúde - Universidad Autónoma de Madrid - UAM - 2014. Doutorado reconhecido no Brasil pela UFSC - 2016. Pós-Doutorado em Educação - PUCPR - 2020. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail:* pedro.guilherme@fae.edu

às intervenções, à sobrecarga familiar, ao estigma social e à disponibilidade de recursos, bem como potencialidades da ABA para favorecer habilidades sociais, comunicativas, adaptativas e funcionais, especialmente quando associada à participação familiar. Como limitação do estudo, destaca-se a análise de artigos em língua portuguesa, com foco em contextos familiares e escolares. Sugere-se que futuras pesquisas investiguem distintos contextos sociais, níveis de suporte e estratégias de inclusão fundamentadas na neurodiversidade.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Análise do Comportamento Aplicada. Família. Inclusão.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por alterações persistentes na comunicação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, podendo impactar processos de adaptação, interação social e participação em diferentes contextos da vida cotidiana. Nesse cenário, destaca-se a importância de estratégias que favoreçam a inclusão e o desenvolvimento de habilidades sociais (American Psychiatric Association - APA, 2023).

Apesar das contribuições descritas na literatura, ainda são observadas dificuldades nos processos de inclusão de pessoas com TEA, especialmente nos contextos familiar, escolar e social (Faria *et al.*, 2018; Gomes *et al.*, 2015). Nesse sentido, torna-se relevante investigar de que maneira estratégias fundamentadas na ABA podem contribuir para esses processos, considerando também a participação da família como elemento presente nos diferentes contextos de desenvolvimento e interação.

Parte-se da hipótese de que a associação entre estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada e a participação familiar favorece processos de inclusão e adaptação social de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Cabral; Falcke; Marin, 2021; Sousa *et al.*, 2020). Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo identificar potencialidades e desafios dos processos de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando a contribuição de estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a participação da família.

Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma revisão sistemática de literatura, método considerado funcional para detectar e analisar evidências científicas relacionadas ao tema investigado. De maneira geral, os resultados evidenciaram a importância da família e da escola nos processos de inclusão, adaptação social e desenvolvimento de habilidades em pessoas com TEA.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Transtorno do Espectro Autista pode impactar significativamente processos de comunicação, interação social e adaptação, demandando intervenções capazes de favorecer o desenvolvimento de habilidades socialmente relevantes e processos de inclusão (Bosa, 2006). Nesse contexto, identifica-se a relevância da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que se destaca como uma abordagem fundamentada em evidências científicas voltada à promoção de habilidades e comportamentos adaptativos em indivíduos de distintos contextos (Camargo; Rispoli, 2013).

Apesar dos avanços relacionados às intervenções baseadas em ABA, ainda são observadas dificuldades nos processos de inclusão e adaptação social de pessoas com TEA, especialmente em contextos escolares e comunitários. Barreiras relacionadas à ausência de suporte adequado e dificuldades na articulação entre família, escola e profissionais podem comprometer a participação social e o desenvolvimento desses indivíduos (Faria *et al.*, 2018).

Neste contexto, cabe destacar que o Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por alterações persistentes na comunicação, interação social e presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, podendo impactar diretamente o desenvolvimento social e adaptativo do indivíduo (Bosa, 2006). As manifestações do TEA apresentam diferentes níveis de gravidade, variando conforme as características individuais e necessidades de suporte de cada pessoa, o que demanda uma abordagem que considere as especificidades de cada contexto (APA, 2023).

Estudos apontam que indivíduos com TEA podem apresentar dificuldades de adaptação em diferentes contextos sociais e educacionais, especialmente quando não recebem suporte adequado ou intervenções compatíveis com suas necessidades específicas e quando há mudanças significativas na rotina e nos contextos de convivência (Bastos; Sorria; Mota, 2023). Considera-se que essas dificuldades podem comprometer processos de aprendizagem, desenvolvimento da autonomia e inclusão.

Diante dessas demandas, diferentes estratégias de intervenção vêm sendo utilizadas com o objetivo de favorecer o desenvolvimento de habilidades adaptativas em pessoas com TEA, destacando-se a Análise do Comportamento Aplicada (Camargo; Rispoli, 2013). A ABA é definida como uma abordagem científica fundamentada nos princípios da aprendizagem e do comportamento, voltada à promoção de mudanças por meio de procedimentos sistemáticos e individualizados (Camargo; Rispoli, 2013). Além disso, a ABA caracteriza-se pela aplicação de técnicas que favoreçam a ampliação de repertórios comportamentais socialmente significativos (Benvenuti; Baia, 2022).

Baseada na análise funcional do comportamento, a ABA compreende que os comportamentos são influenciados pelas interações entre indivíduo e ambiente, permitindo identificar variáveis antecedentes e consequentes relacionadas à aquisição, manutenção ou redução de comportamentos selecionados. A partir dessa análise, são elaboradas intervenções individualizadas direcionadas ao desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas, acadêmicas e adaptativas, favorecendo comportamentos socialmente relevantes e significativos (Baer; Wolf; Risley, 1968). A Análise do Comportamento Aplicada pode ser utilizada em diferentes contextos e ao longo de distintas etapas do desenvolvimento humano, sendo empregada na promoção

de repertórios comportamentais em populações com variadas necessidades e demandas (Bowman; Suarez; Weiss, 2021).

No contexto do TEA, a ABA tem sido amplamente utilizada devido às evidências relacionadas à promoção da comunicação, interação social, autonomia e adaptação em diferentes contextos cotidianos (Camargo; Rispoli, 2013; Sousa *et al.*, 2020). Além disso, a utilização contínua da coleta e análise de dados durante as intervenções possibilita monitoramento longitudinal e ajustes das estratégias conforme as necessidades individuais da pessoa com TEA (Baer; Wolf; Risley, 1968).

Nesse processo, destaca-se também a importância da participação e da articulação entre diferentes atores sociais para a continuidade das estratégias comportamentais estabelecidas em cada caso frente a situações cotidianas. Entre os agentes envolvidos em intervenções com ABA, destaca-se a família. Considera-se que a participação familiar constitui um elemento relevante no desenvolvimento e na adaptação social da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Estudos demonstram que as interações estabelecidas no ambiente familiar podem influenciar diretamente a aquisição e manutenção de habilidades sociais, comunicativas e adaptativas (Bosa, 2006; Gomes *et al.*, 2015).

Em intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada, a participação ativa da família/cuidadores favorece a continuidade das estratégias comportamentais em diferentes contextos do cotidiano, contribuindo para a generalização das habilidades aprendidas durante o processo terapêutico (Sousa *et al.*, 2020). Pesquisas também indicam que as próprias famílias de pessoas com TEA frequentemente enfrentam desafios relacionados à adaptação social, suporte educacional e acesso aos serviços especializados. Fatores que podem impactar diretamente na qualidade de vida e na inclusão desses indivíduos (Gomes *et al.*, 2015).

Dessa forma, compreende-se que a participação familiar exerce papel importante na continuidade das intervenções e no desenvolvimento de repertórios comportamentais relacionados à adaptação social de pessoas com TEA. Nesse sentido, considera-se que a atuação conjunta entre família, profissionais e contexto social mostra-se relevante para favorecer processos de participação e inclusão em diferentes ambientes (Sousa *et al.*, 2020; Gomes *et al.*, 2015).

Os processos de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista envolvem a criação de condições que favoreçam participação funcional, interação social e acesso a diferentes contextos sociais e educacionais. Nesse sentido, práticas inclusivas dependem da adaptação de estratégias pedagógicas, sociais e comportamentais às necessidades individuais da pessoa com TEA (Faria *et al.*, 2018).

Estudos apontam que práticas inclusivas ampliam oportunidades de participação em ambientes comunitários como a escola (Faria *et al.*, 2018). Por outro lado, também destaca-se que a ausência de suporte adequado pode contribuir para dificuldades na adaptação social, limitação das interações e menor participação em experiências educacionais e sociais fundamentais para o desenvolvimento humano (Gomes *et al.*, 2015). Assim, destaca-se a importância da articulação entre os contextos familiar, escolar e social para favorecer processos de participação e inclusão da pessoa com TEA em diferentes ambientes. Ainda, considera-se que a ampliação da participação social, das relações interpessoais e dos repertórios adaptativos pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida de pessoas com TEA e de seus familiares (Azevedo; Cia; Spinazola, 2019).

Conforme descrito anteriormente, pessoas com o Transtorno do Espectro Autista demandam intervenções voltadas não apenas à redução de dificuldades comportamentais, mas também ao desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e adaptativas que favoreçam a participação social e a autonomia da pessoa com TEA (Camargo; Rispoli, 2013). Nesse cenário, a Análise do Comportamento Aplicada apresenta-se como recurso que pode ser utilizado no desenvolvimento de repertórios comportamentais socialmente relevantes (Baer; Wolf; Risley, 1968) tanto em contextos familiares como educacionais. Assim, é importante considerar diferentes formas de inclusão, adaptação e participação social da pessoa com TEA (Gomes *et al.*, 2015).

2 METODOLOGIA

Foi realizada revisão sistemática de literatura. Como fontes de pesquisa, foram buscadas obras disponíveis nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-Psi).

Como critério de busca, foram utilizados os seguintes descritores, que foram associados entre si: “Autismo”, “TEA”, “ABA”, “Família”, “Análise do comportamento” e “Inclusão”. Para critérios de inclusão, foram utilizadas obras em língua portuguesa dos últimos 10 anos que abordassem ao menos dois dos descritores da pesquisa.

Para os critérios de análise, foram utilizadas obras consideradas funcionais para identificar estratégias voltadas às pessoas com TEA que envolvam a família enquanto mediadora de processos de inclusão, fundamentadas nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada. As obras selecionadas foram lidas primeiramente em relação ao título e resumo. Aquelas que apresentaram conteúdos associados à temática

foram lidas na íntegra. Após a aplicação dos critérios de inclusão e análise, 16 artigos compuseram a amostra final desta revisão. Posteriormente, os resultados foram categorizados em eixos temáticos. Cabe destacar que os eixos foram pré-determinados antes da busca, a partir de *insights* e conhecimento prévio dos pesquisadores e reavaliados após as consultas nas bases de dados, considerando as informações obtidas e o objetivo do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os critérios estabelecidos no método, os resultados foram categorizados nos seguintes eixos temáticos: potenciais e desafios de processos de inclusão de pessoas com TEA. Tópicos estes, abaixo descritos.

3.1 POTENCIALIDADES DE PROCESSOS DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM TEA

Os resultados analisados neste eixo evidenciam importantes potencialidades nos processos de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente quando há articulação entre escola, família e intervenções especializadas. Nesse contexto, as políticas públicas brasileiras garantem o direito à matrícula de crianças com TEA no ensino regular desde a educação infantil até os demais níveis de ensino, fortalecendo o acesso à educação inclusiva. Além disso, a literatura aponta que intervenções precoces e adequadas ampliam significativamente as possibilidades de desenvolvimento e podem contribuir para a minimização dos sintomas do transtorno. Em muitos casos, o ambiente escolar representa uma das poucas formas de intervenção às quais essas crianças têm acesso no Brasil (Martins; Camargo, 2023). Assim, considera-se que a escola deve ser um dos ambientes em que haja investimentos tanto físicos, como técnicos e relacionais para auxiliar em processos de inclusão de pessoas com TEA.

Outro aspecto frequentemente destacado refere-se à participação da família nos processos terapêuticos e em relações sociais. Estudos indicam que a capacitação dos pais para o manejo e estimulação de indivíduos com TEA pode favorecer tanto o desenvolvimento da criança quanto a diminuição da sobrecarga familiar (Bagaiolo *et al.*, 2018). Nessa perspectiva, os autores ressaltam a importância de orientar os pais ou responsáveis para que proporcionem oportunidades constantes de prática das habilidades aprendidas, contribuindo para a generalização de comportamentos adaptativos em diferentes contextos.

Tal aspecto é especialmente relevante, pois a generalização das habilidades representa um dos principais objetivos das intervenções, uma vez que o aprendizado precisa ultrapassar o contexto terapêutico e alcançar situações reais do cotidiano, favorecendo maior autonomia e participação social das pessoas com TEA. Dessa forma, o treinamento parental passa a ocupar um lugar central nas intervenções voltadas ao TEA. Além disso, pesquisas apontam que esses treinamentos tendem a ser mais eficazes quando os pais recebem demonstrações práticas e orientações diretas sobre o manejo dos comportamentos-alvo (Bagaiolo *et al.*, 2018).

As intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) aparecem como uma importante potencialidade nos processos de inclusão de pessoas com TEA. Os estudos destacam que a eficácia dessa abordagem está relacionada a fatores como intervenção precoce, intensidade das sessões, planejamento sistemático, definição de objetivos individualizados e participação ativa da família (Benitez *et al.*, 2020). Nesse sentido, a participação ativa dos pais ou responsáveis favorece a generalização das habilidades desenvolvidas e amplia o engajamento da criança em diferentes contextos sociais (Sousa *et al.*, 2020). Além disso, pesquisas demonstram que práticas baseadas em ABA contribuíram para o aumento da participação e da interação social de crianças com TEA, bem como para a redução de comportamentos disruptivos e o desenvolvimento de habilidades importantes, como contato visual, imitação, seguimento de instruções e manifestações afetivas (Martins; Camargo, 2023).

A literatura também evidencia resultados positivos da ABA no desenvolvimento de habilidades funcionais e na redução de comportamentos desafiadores, especialmente por meio do reforço positivo e da utilização de recursos visuais no contexto educacional (Rodrigues; Torres; Barbosa, 2024). Entre as habilidades favorecidas pelas intervenções destacam-se comportamentos relacionados à autonomia nas atividades cotidianas, desenvolvimento de habilidades de comunicação, reconhecimento de emoções e necessidades próprias, seguimento de instruções, regulação comportamental, ampliação de repertórios acadêmicos e desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes para a interação social e adaptação em diferentes contextos. Soma-se a isso o fato de que intervenções precoces e intensivas fundamentadas nessa abordagem têm demonstrado contribuições significativas para o desenvolvimento de crianças com TEA. Outro aspecto relevante identificado nos estudos refere-se à formação de professores fundamentada na ABA, que demonstrou contribuir para mudanças favoráveis nas atitudes sociais em relação à inclusão escolar (Benitez *et al.*, 2021).

A relação entre família e escola também se mostra fundamental para os processos inclusivos. Os pais possuem informações importantes sobre os interesses, formas de comunicação e necessidades da criança, o que pode auxiliar os professores no

planejamento de estratégias pedagógicas adequadas (Santos; Elias, 2018). Além disso, estudos reforçam a necessidade de incluir a família como parte central das intervenções, fortalecendo vínculos familiares e ampliando as redes de apoio disponíveis (Anjos; Morais, 2021). Nesse contexto, programas de orientação familiar e terapias indiretas aparecem como ferramentas importantes para auxiliar as famílias no enfrentamento do diagnóstico e no desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas das crianças com TEA (Oliveira; Moreira; Britto, 2022).

Os estudos analisados indicam que a inclusão de pessoas com TEA depende não apenas de mudanças institucionais, mas também de transformações nas atitudes sociais frente à diversidade (Araujo; Silva; Zanon, 2023). Assim, atitudes favoráveis à inclusão, associadas à atuação conjunta entre família, escola, comunidade e profissionais especializados, configuram elementos fundamentais para a construção de uma sociedade e educação efetivamente inclusivas (Benitez *et al.*, 2021).

3.2 DESAFIOS DE PROCESSOS DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM TEA

Em relação aos desafios destacam-se distintos fatores, entre eles, o elevado custo que intervenções baseadas na ABA exigem (Rodrigues; Torres; Barbosa, 2024). Esse cenário evidencia desigualdades no acesso às intervenções especializadas, principalmente para famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica que não tenham acesso a este tipo de recurso, tornando as políticas públicas fundamentais para a garantia do cuidado (Ruella; Amato, 2019).

Além disso, destacam-se desafios contingentes ao ambiente familiar (Cabral; Falcke; Marin, 2021), uma vez que pais e responsáveis de pessoas com TEA apresentam sobrecarga elevada em comparação a responsáveis de pessoas sem transtornos do neurodesenvolvimento. Devido à complexidade desse cenário, fazem-se necessárias orientações adequadas para familiares lidarem com o indivíduo em relação a distintos aspectos como comportamentos disruptivos e processos comunicacionais (Bagaiolo *et al.*, 2018). Destaca-se que a própria família, em suas distintas composições, necessita de suporte para o manejo das dificuldades (Anjos; Morais, 2021). Outra questão que contribui para a sobrecarga familiar está relacionada às preocupações quanto à inclusão das pessoas com TEA em diferentes ambientes sociais e o que elas podem enfrentar em decorrência disso. O que pode proporcionar uma preocupação acerca da independência e autonomia da pessoa, para os cuidadores, principalmente quando eles não estiverem mais vivos para manterem a relação de cuidado (Portes; Vieira, 2022). Esse aspecto demonstra como o cuidado frequentemente ultrapassa o presente e se projeta para o futuro, gerando inseguranças relacionadas à autonomia, proteção e continuidade dos cuidados da pessoa com TEA.

Comportamentos característicos apresentados por pessoas com TEA tendem a interferir e contribuir para o aumento do estresse no âmbito familiar (Portes; Vieira, 2022). Assim, nota-se que as vivências familiares envolvendo pessoas com desenvolvimento atípico produzem impactos que vão além do núcleo familiar, alcançando também as relações com a escola, a comunidade e a sociedade de forma mais ampla (Lemos; Agripino-Ramos; Salomão, 2022). Nesse sentido, os dados reforçam que o TEA não deve ser compreendido apenas como uma condição individual, mas também como um fenômeno social que atravessa relações familiares, escolares e comunitárias. Dessa forma, os desafios relacionados à inclusão envolvem diferentes atores sociais e demandam ações articuladas entre família, escola, profissionais e comunidade.

Destaca-se o desafio encontrado referente a insuficiência de informações sociais acerca do TEA, uma vez que pessoas autistas e seus familiares com frequência enfrentam dificuldades decorrentes da falta de compreensão e informação da sociedade sobre suas características e diferenças. Cenário esse que contribui para a preservação do estigma, o qual está relacionado a fatores culturais e históricos. Da mesma maneira, a compreensão limitada sobre o TEA favorece atitudes estigmatizantes e dificulta o processo de inclusão social (Araujo; Silva; Zanon, 2023).

Também se observou que existe uma predominância quanto ao modelo médico na descrição do TEA que pode influenciar na construção de percepções distorcidas sobre as diferenças apresentadas por pessoas autistas (Araujo; Silva; Zanon, 2023). Nessa perspectiva, considera-se que o modelo médico pode limitar a compreensão da neurodiversidade ao enfatizar déficits e patologias, reduzindo a visibilidade das potencialidades, singularidades e formas alternativas de desenvolvimento presentes em pessoas autistas. Tal compreensão pode contribuir para a manutenção de estigmas e dificultar a construção de práticas inclusivas mais abrangentes.

Outros aspectos que podem dificultar processos de inclusão são a severidade das características da pessoa com TEA, contexto de familiares sem repertório sobre o espectro e indisponibilidade de recursos comunitários e sociais (Soares *et al.*, 2023). Considerando a diversidade de características apresentadas por pessoas com TEA, as intervenções devem ser individualizadas e adaptadas às necessidades específicas de cada indivíduo (Scotini; Orsati; Macedo, 2021).

Entre os diferentes ambientes que influenciam os processos de inclusão, destaca-se a escola uma vez que é um dos principais ambientes de desenvolvimento da criança (Cabral; Falcke; Marin, 2021). Nesse cenário, a escola assume papel central não apenas na aprendizagem acadêmica, mas também na promoção de interações sociais, pertencimento e desenvolvimento de habilidades adaptativas, aspectos fundamentais para a inclusão de estudantes com TEA.

No campo das políticas públicas, embora existam avanços legislativos relacionados aos direitos das pessoas com TEA, como a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), cuja proposta envolve a ampliação do acesso aos cuidados em saúde mental e a articulação entre diferentes serviços e níveis de atenção; observa-se uma distância significativa entre a garantia legal e a efetivação prática do acesso aos serviços especializados (Araujo; Silva; Zanon, 2023). Essa realidade evidencia desafios persistentes para a concretização dos direitos previstos nas políticas públicas brasileiras, o que dificulta, por exemplo, a continuidade do cuidado e à oferta de suporte especializado para pessoas com TEA e suas famílias.

Outro desafio a ser superado é o de garantir o acesso de pessoas com TEA à educação de qualidade e todos os processos necessários para tanto (Benitez *et al.*, 2021). Isso uma vez que nem todos os ambientes escolares possuem recursos suficientes para estimular processos de inclusão como profissionais de apoio especializados, formação adequada para professores, adaptações curriculares individualizadas e estratégias pedagógicas compatíveis com as necessidades dos estudantes com TEA. Em muitos casos, a família necessita atuar de forma complementar no acompanhamento e mediação das necessidades da criança, contribuindo para a articulação entre escola, profissionais e contexto familiar (Cabral; Falcke; Marin, 2021).

Embora a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) apresente evidências científicas consistentes quanto à promoção de habilidades sociais, comunicativas e adaptativas em pessoas com TEA, os estudos analisados indicam que sua implementação ainda enfrenta desafios relacionados ao alto custo das intervenções, à escassez de profissionais qualificados e à necessidade de capacitação contínua de familiares e equipes escolares, o que é especialmente relevante em ambientes em vulnerabilidade socioeconômica (Ruella; Amato, 2019; Sousa *et al.*, 2020). Dessa forma, a ampliação do acesso à formação e aos serviços especializados constitui um elemento importante para favorecer processos inclusivos em diferentes contextos sociais.

Ainda que os estudos analisados evidenciem diversos desafios relacionados à inclusão de pessoas com TEA em ambientes familiar, escolar e comunitário, considera-se que a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) apresenta potencial para contribuir no enfrentamento de muitos desses obstáculos. Além das intervenções diretas com a pessoa autista, a ABA contempla estratégias de orientação e capacitação de familiares, professores e demais profissionais envolvidos nos diferentes contextos de convivência. Nesse sentido, a formação de pessoas que participam da rotina do indivíduo pode favorecer a promoção de habilidades sociais, comunicativas e adaptativas, ampliando as oportunidades de inclusão em ambientes naturais e contribuindo para a generalização das habilidades desenvolvidas em diferentes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi descrito, considera-se que o objetivo do presente estudo foi atingido e a hipótese inicialmente proposta foi confirmada, uma vez que os estudos analisados indicaram que estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada, favorecem processos de inclusão e adaptação social de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, otimizando potencialidades e auxiliando a manejar desafios. Isso, ocorre especialmente quando as estratégias são associadas à participação familiar e a contextos educacionais, favorecendo o desenvolvimento e manutenção de repertórios socialmente relevantes por meio de intervenções sistemáticas e individualizadas, que contribuam para a generalização de repertório de habilidades sociais em diferentes ambientes cotidianos.

Como limitações, destaca-se a coleta de dados de estudos exclusivamente na língua portuguesa, a ênfase em ambientes familiares e escolares, necessitando de ampliação de investigação para outros ambientes sociais que podem ser relevantes no processo de inclusão. Ainda, ressalta-se a necessidade de ampliação dos eixos temáticos estruturados, assim como a construção de possíveis outras variáveis que impactem no processo de inclusão de pessoas com TEA. Também não foram especificados os níveis de suporte, que quando considerados poderiam influenciar na delimitação de estratégias específicas, considerando limitações e recursos de cada indivíduo de forma individualizada.

Espera-se que este estudo contribua para a compreensão de processos de inclusão de pessoas com TEA, tanto considerando o indivíduo como sua família e agentes de socialização. Também que contribua para a literatura acerca de ABA e inclusão de pessoas, considerando aspectos de diferenças individuais, qualidade de vida e participação social.

Observa-se a importância de futuros estudos e de práticas científicas e acadêmicas que considerem, respeitem e se inspirem na perspectiva da neurodiversidade, que é compreendida como uma abordagem que reconhece as diferenças neurológicas como parte da diversidade humana, valorizando potencialidades e formas singulares de desenvolvimento. Ainda, no âmbito das políticas públicas no Brasil, apesar de avanços importantes, como a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Sistema Único de Saúde (SUS) considera-se importante ampliar o acesso aos serviços especializados, fortalecer a articulação entre os diferentes níveis de atenção e promover ações voltadas ao suporte de pessoas com TEA e seus familiares (Araujo; Silva; Zanon, 2023). Neste contexto, também ressalta-se a importância de estratégias que contribuam para o avanço do apoio e do conhecimento de familiares e comunidades escolares acerca do TEA, uma vez que estes ambientes são fundamentais no desenvolvimento de complexos processos de inclusão, visando diminuir possíveis desafios e promover recursos e potenciais.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANJOS, Brenna Braga; MORAIS, Normanda Araújo. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciencias Psicológicas**, Montevideo, v. 15, n. 1, e-2347, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2347>. Acesso em: 23 jan. 2026.

ARAUJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônia Aparecida da; ZANON, Regina Basso. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 27, e247367, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>. Acesso em: 10 fev. 2026.

AZEVEDO, Tássia Lopes de; CIA, Fabiana; SPINAZOLA, Cariza de Cássia. Correlação entre o relacionamento conjugal, rotina familiar, suporte social, necessidades e qualidade de vida de pais e mães de crianças com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 25, n. 2, p. 205-218, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382519000200002>. Acesso em: 9 fev. 2026.

BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R. Some current dimensions of applied behavior analysis. **Journal of Applied Behavior Analysis**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 91-97, 1968. Disponível em: <https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>. Acesso em: 18 jun. 2026.

BAGAILO, Leila Ferreira; GUILHARDI, Cíntia; ROMANO, Claudia; GOMES, Camila Guedes; SILVEIRA, José Roberto da. Capacitação parental para comunicação funcional e manejo de comportamentos disruptivos em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 46-64, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p46-64>. Acesso em: 22 jan. 2026.

BASTOS, Joice; SORRIA, Marcela Moraes; MOTA, Adilson Novaes. Crianças com Transtorno do Espectro Autista e suas dificuldades pós-pandemia. **Mosaico**, Vassouras, v. 14, n. 2, p. 268-275, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rm.v14i2.3673>. Acesso em: 18 jun. 2026.

BENITEZ, Priscila; ALBUQUERQUE, Isis; MANONI, Nathalia V.; RIBEIRO, Ana Flávia; BONDOLI, Ricardo M. Centro de aprendizagem e desenvolvimento: estudo de caso interdisciplinar em ABA. **Psicologia: Teoria e Prática**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 332-350, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v22n1/pt_v22n1a12.pdf. Acesso em: 23 jan. 2026.

BENITEZ, Priscila; PAULINO, Vanessa Cristina; OLIVEIRA JR., Ailton Paulo; DOMENICONI, Camila; OMOTE, Sadao. Atitudes sociais de agentes educacionais em relação à inclusão e à formação em Análise do Comportamento Aplicada. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 27, e0125, p. 477-492, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0125>. Acesso em: 10 fev. 2026.

BENVENUTI, Marcelo Frota; BAIA, Fabio Henrique. Comportamento e seleção pelas consequências: a análise do comportamento no Brasil entre o dogma e a ciência. **Psicologia USP**, [s.l.], v. 33, e210126, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/202713>. Acesso em: 18 jun. 2026.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [s.l.], v. 28, n. 1, p. S47-53, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16791392/>. Acesso em: 18 jun. 2026.

BOWMAN, Kristin S.; SUAREZ, Victoria D.; WEISS, Mary Jane. Standards for Interprofessional Collaboration in the Treatment of Individuals With Autism. **Behavior Analysis in Practice**, [s.l.], v. 14, p. 1191-1208, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40617-021-00560-0>. Acesso em: 18 jun. 2026.

CABRAL, Cristiane Soares; FALCKE, Denise; MARIN, Angela Helena. Relação família-escola-criança com transtorno do espectro autista: percepção de pais e professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 27, p.493-508, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0156>. Acesso em: 05 maio 2026.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, [s.l.], v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X9694>. Acesso em: 18 jun. 2026.

FARIA, Karla Tomaz; TEIXEIRA, Maria Cristina Trigueiro Veloz; CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues; AMOROSO, Victor; PAULA, Cristiane Silvestre de. Atitudes e práticas pedagógicas de inclusão para o aluno com autismo. **Revista Educação Especial**, [s.l.], v. 31, n. 61, p. 353-370, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X28701>. Acesso em: 18 jun. 2026.

GOMES, Paulyane T. M.; LIMA, Leonardo H. L.; BUENO, Mayza K. G.; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M. Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies. **Jornal de Pediatria**, [s.l.], v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2014.08.009>. Acesso em: 18 jun. 2026.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírlley; SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro. Roda de conversa com adolescentes sobre suas vivências familiares com irmãos autistas. **Psicologia em Pesquisa**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 248-265, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472022000200009. Acesso em: 23 jan. 2026.

MARTINS, Juliana dos Santos; CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [s.l.], v. 104, p.1-20. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/RFv9XMsqs6YgVxB9RHGBjtz/>. Acesso em: 12 jan. 2026.

OLIVEIRA, Jhonata James Ribeiro de; MOREIRA, Ingrid Alves; BRITTO, Denise Brandão de Oliveira e. Benefícios da orientação familiar nas dificuldades comunicativas de crianças com transtornos do espectro do autismo: revisão integrativa da literatura. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 34, n. 1, e53197, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2022v34i1e53197>. Acesso em: 28 jan. 2026.

PORTES, João Rodrigo Maciel; VIEIRA, Mauro Luís. Percepção parental sobre o filho com autismo: as repercussões na adaptação familiar. **Psicologia em Pesquisa**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v16n2/05.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2026.

RODRIGUES, Rodrigo da Silva Nery; TORRES, Raiane Lúcia Cruz de Oliveira; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes. Autismo, estratégias ABA e educação: uma revisão de escopo. **Revista Interagir**, Fortaleza, v. 19, n. 126, p. 34-41, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/interagir/article/view/5610>. Acesso em: 12 jan. 2026.

RUELLA, Ivani Alves Salther; AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera. Caracterização sociofamiliar dos educandos com transtorno do espectro autista (TEA) atendidos por uma instituição filantrópica do Rio de Janeiro/RJ. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 98-125, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072019000100007. Acesso em: 01 jun. 2026.

SANTOS, Vivian; ELIAS, Nassim Chamel. Caracterização das Matrículas dos Alunos com Transtorno do Espectro do Autismo por Regiões Brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 24, n. 4, p. 465-482, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/vvX7hvBZf4CHSzhNpJCWyJG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2026.

SCOTINI, Carolina Yoshida; ORSATI, Fernanda Tabexreni; MACEDO, Elizeu Coutinho de. Levantamento e avaliação da acessibilidade de aplicativos para apoio ao aprendizado de crianças com diagnóstico de transtorno do espectro autista. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 39-67, 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/cpgdd/article/view/14184/11042>. Acesso em: 12 ago. 2026.

SOARES, Mirelly; OLIVEIRA, Bianca Hipólito de; BEZZON, Rodolfo Zampieri; BIZERRA, Alessandra. Participação parental na divulgação científica sobre transtorno do espectro autista (TEA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 29, e0125, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/qTg8qpNXBfsNJYL3Y7ZNp4h/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2026.

SOUSA, Deborah Luiza Dias de; SILVA, Annaline Luzia da; RAMOS, Camila Maria de Oliveira; MELO, Cynthia de Freitas. Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista. **Contextos Clínicos**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 105-124, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100007. Acesso em: 23 jan. 2026.